



A DISTINÇÃO ENTRE MORTE EFETIVA E MORTE POSSÍVEL EM *SER E TEMPO*

Amanda Victória Milke Ferraz de Carvalho¹
Orientador: Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens²

Resumo: Este artigo é um extrato de projeto de pesquisa de mestrado, e tem, por isso, caráter tematizante e problematizante. O tema em questão é o fenômeno da morte em *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger (1889-1976), em que procede à analítica do ente “que nós mesmos somos”. É uma tese fundamental de seu pensamento que nosso modo de ser, *existência*, é radicalmente distinto do modo de ser de que a metafísica tradicionalmente se ocupou, *existentia* ou *efetividade*. Segundo o filósofo, a tradição metafísica tornou equivalente o sentido de ser e a realidade efetiva, ou, nos termos recuperados pelo autor, *subsistência*. Com isso, a ontologia tradicional não apreendeu ou reconheceu o modo de ser da existência, próprio ao ente de pura possibilidade. Nosso problema é entender como o filósofo interpreta o fenômeno da morte, a partir dessa distinção. O propósito geral da analítica existencial é o estabelecimento de uma ontologia fundamental. Para isso, é necessário ao menos uma vez apreender o ente que somos em seu todo. No caso do fenômeno da morte, isso significa apreender esse ente em seu final. O ser-aí “atinge” o seu todo quando chega ao seu fim”, isto é, quando morre”. Compreendido no horizonte da *efetividade*, o fenômeno da morte é inapreensível e inexperienciável, implicando a impossibilidade da apreensão do ser-todo. O ente caracterizado pelo modo de ser da existência, porém, – nomeado ser-aí” – é um ente marcado pela possibilidade, não pela efetividade. Logo, o fenômeno da morte precisa ser apreendido desde esse horizonte. A possibilidade desse ente *poder-ser-todo*, diz Heidegger, depende de interpretar a morte como *possibilidade*, em sentido ontológico, no caráter existencial do *ser-para-a-morte*. Nosso objetivo é clarificar esse contexto de problemas na difícil lida com tal fenômeno. Isso exige esclarecer conceitos como existência, subsistência, ser-todo, morte. Essa empresa poderá lograr clareza sobre a distinção entre a morte possível e a morte efetiva.

Palavras-chave: Ser-todo. Morte. Possibilidade. Efetividade. Heidegger.

Abstract: This article is an extract of a master's research project, and therefore has a thematizing and problematizing character. The subject in question is the phenomenon of death in *Being and Time*³, by Martin Heidegger (1889-1976), in which he proceeds to the analysis of the entity “that we ourselves are”. It is a fundamental thesis of his thought that our way of being, existence, is radically different from the way of being that metaphysics has traditionally dealt with, *existentia* or *effectiveness*. According to the philosopher, the metaphysical tradition made the meaning of being and actual reality equivalent, or, in the terms recovered by the author, *subsistence*. Thus,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2024-2026). Bolsista de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8095-0053>. E-mail: mandamilke@gmail.com.

² Doutor em Filosofia pela UERJ. Professor Associado do curso de Filosofia da UNIOESTE. E-mail: roberto.mertens@unioeste.br.

³ Utilizamos a versão em inglês de *Ser e Tempo, Being and Time*, traduzido por Joan Stambaugh para a tradução dos conceitos no abstract.

traditional ontology did not grasp or recognize the way of being of existence, proper to the being of pure possibility. Our problem is to understand how the philosopher interprets the phenomenon of death, from this distinction. The general purpose of existential analysis is to establish a fundamental ontology. For this, it is necessary at least once to apprehend the entity that we are as a whole. In the case of the phenomenon of death, this means apprehending this being at its end. The *Da-sein* “attains” its whole when it reaches its “end”, that is, when it “dies”. Understood in the horizon of *effectiveness*, the phenomenon of death is incomprehensible and inexperienciável, implying the impossibility of apprehending the *Being-a-Whole*. The entity characterized by the way of being of existence, however, - named "*Da-sein*" - is an entity marked by possibility, not by effectiveness. Therefore, the phenomenon of death must be grasped from this horizon. The possibility of this being *potentiality-for-being-a-whole*, says Heidegger, depends on interpreting death as a *possibility*, in an ontological sense, in the existential character of *Being-toward-Death*. Our goal is to clarify this context of problems in the difficult deal with such phenomenon. This requires clarifying concepts such as existence, subsistence, Being-a-Whole, death. Such an undertaking could achieve clarity on the distinction between possible death and effective death.

Keywords: Being-a-Whole. Death. Possibility. Effectiveness. Heidegger.

INTRODUÇÃO

O tema desse trabalho é o *fenômeno da morte* no contexto de *Ser e Tempo* (1927), obra de Martin Heidegger. Com a seguinte interrogação como nosso fio condutor, colocamos o problema: *qual o sentido do fenômeno da morte na analítica existencial?* Por ser o extrato de um projeto de pesquisa de dissertação, tem um teor eminentemente técnico, tematizante e problematizante.

O presente artigo percorre os seguintes passos: 1) esboça-se uma diferença entre o que Heidegger compreende por “possível” em contraposição ao “efetivo”, o que conduz ao exame dos conceitos de existência e facticidade; 2) mostra o lugar do fenômeno da morte em *Ser e tempo*, tendo em vista o que aqui se entende por noção vulgar de morte, a qual interpreta esse fenômeno não a partir da sua possibilidade, mas a partir de sua efetividade; e, por fim, 3) acompanha a exposição heideggeriana do conceito existencial de morte a partir da noção de possibilidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 Possibilidade e efetividade

Para um conceito de possibilidade, no contexto da analítica existencial, podemos dizer, com Casanova (2017, p. 165), que *Ser e Tempo* trata de um fenômeno e duas estruturas: o

fenômeno é o ser-aí⁴ ou ser-no-mundo – ente de compreensão de ser – e as duas estruturas que lhe concernem, existência e facticidade. Devemos elucidar de maneira breve essas estruturas através das definições e esclarecimentos que se seguem. *Existência* diz compreender o ser dos entes e, enquanto ente, ser junto a eles. O compreender abre contextos significativos, que são âmbitos de manifestação e *possibilidades*. O próprio ser-aí se vê lançado, projetado nessas possibilidades. *Facticidade*, por sua vez, indica que nosso ser-aí já sempre *se vê* lançado em suas possibilidades, em cada ocasião (*ocasionalidade*), em toda e cada vez e de maneira transitiva (Heidegger, 2012c, p. 13). Existência e facticidade acontecem juntas, significando que o ser-aí tem de assumir seus contextos, que não são criados por ele, mas já lhe são historicamente dados, e não obstante ele é responsável por projetar suas possibilidades nesses contextos.

Efetividade, por sua vez, é entendida no mais das vezes como sinônimo de termos como “realidade”, “coisidade”, “existência” no sentido tradicional; trata-se de termos usados há muito na história da filosofia, por inúmeros autores e em diferentes questões. Possibilidade diz respeito, antes de uma esfera de coisidade ou realidade, a todos os modos como nos movemos na existência. Delimitaremos de forma breve, provisória, em Heidegger, o significado da distinção desses termos:

Em contrapartida, quando eu apenas reflito sobre uma possibilidade vazia, à qual poderia chegar, tagarelando por assim dizer sobre ela, essa possibilidade precisamente não se acha presente enquanto possibilidade, mas se mostra para mim, como diríamos, como real e efetiva. O caráter de possibilidade só *se torna* manifesto no projeto e só *é* manifesto na medida em que a possibilidade é retida no projeto (Heidegger, 2012d, p. 402).

Portanto, ao usar palavras como efetivo, real, efetivação, o que se visa é isto: o que é fato, atual, tematizado, concreto, dado, constatável. Com morte efetiva, visamos a morte no sentido biológico, o deixar de viver, a morte como fim da experiência, fim do viver. Já ao falarmos em possibilidade, pensamos na estrutura de *projeto*: todo projeto é um lançar-se em possibilidades. O projeto não é ele mesmo constatável como algo efetivo; toda efetividade se dá para e em um projeto. A possibilidade não é, pois, projetada por meio de tematização e nem é possibilidade no sentido de arbitrariedade, o poder fazer qualquer coisa. Possibilidades de ser acontecem projetadas sempre em um contexto e sempre são projetadas em vista do ser desse ente que nós mesmos somos em comportamentos com os entes que nos circundam.

⁴ Optamos por padronizar o termo *Dasein* como ser-aí nas citações e utilizações no texto para melhor entendimento do leitor.

2 O lugar do fenômeno da morte em *Ser e Tempo*

O fenômeno da morte é mencionado primeiramente no interior da investigação do ser-todo, que pode ser posto com a seguinte interrogação: é possível apreender a totalidade do todo estrutural desse ente que 1) conta com tamanha variedade fenomenal e 2) é essencialmente possibilidade?

O fenômeno da morte surge, assim, à luz do problema do ser-todo da existência, e, em seu desdobramento, na questão do *poder-ser-todo*. De saída, configura uma barreira complexa para o ente interrogado e analisado em *Ser e Tempo*, o ser-aí. Para a analítica existencial, é imperativo tornar transparente em sua inteireza esse ente, centro temático de análise (Heidegger, 2012b⁵, p. 7). Com isso, surge a seguinte interrogação: qual a unidade do todo estrutural desse ente, nomeado ser-aí e concebido como ser-no-mundo⁶? Não obstante a longa explicitação na obra das múltiplas estruturas existenciais⁷, existe um nexos originário que as une? Há um sentido que permeia todas as estruturas? Obtém-se essa unidade no *Cuidado (Sorge): antecipar-a-si-mesmo-no-já-ser-no-mundo-enquanto-ser-junto-a*. O *Cuidado* é a unidade do todo estrutural. No entanto, essa interrogação logo esvazia-se, para outra surgir em seu lugar: Se o *Cuidado* é caracterizado pela antecipação de si mesmo, e se nesse antecipar está implicada uma pendência de ser, como apreender o todo de um ente que essencialmente tem esse caráter? Como pode haver um *todo*, um *fim*, em um ente que, sendo, sempre ainda tem algo para ser? (Heidegger, 2012b, p. 236). Se esse ente é pura possibilidade de ser, como fica a questão de seu *poder-ser-todo*? Aparentemente, não há essa possibilidade. Em sua apreensão científica, pela Biologia, o ente que todos nós somos é finito e mortal. A compreensão mediana diz: ele nasce, vive e morre *efetivamente*. O corpo “deixa de viver”, eventualmente. Se se quer *apreender* em um todo o ente que morre, sem poder fazer a experiência da apreensão de sua morte efetiva, após seu deixar de viver biologicamente e “completar-se”, a tarefa se mostra inviável.

Heidegger diz:

⁵ Utilizamos no presente artigo a paginação da primeira edição de *Ser e Tempo*. E, duas traduções em português dessa mesma obra, sendo: 1) 2012a: edição bilíngue (alemão-português) de Castilho; 2) 2012b: edição em português de Schuback.

⁶ Ser-aí é o ente de possibilidades, que compreende o sentido de ser dos entes e seu modo de ser é a existência. Ser-no-mundo diz respeito ao ser-aí, ser-aí é já-ser-no-mundo; para melhor compreender, podemos pensá-lo em três momentos: 1) em-um-mundo: ser-aí é sempre ser-em-um-mundo, e aqui mundo é contexto significativo e a luz que é âmbito de manifestação dos entes. 2) si mesmo: diz respeito ao ente que é, o investigado, o quem; 3) ser-em: o habitar, ser familiar e se deter junto ao mundo, aos entes no interior do mundo.

⁷ Existencial: nomenclatura da estrutura ontológica do ser-aí, os existenciais dizem respeito ao modo de ser que esse ente é, descrevendo assim como ele é e respeitando seu caráter de *quem* e existente; Categorical: determinação ontológica dos seres simplesmente dados, que não possuem o modo de ser do ser-aí, são subsistentes, dados, são descritos pelas categorias em seu caráter de *que*, de coisa.

Contudo, logo que o ser-aí passa a existir” de tal maneira que nele pura e simplesmente nada mais falta, ele já se tornou então também um já-não-ser- aí”. A eliminação do ser-faltante significa o aniquilamento de seu ser. Enquanto o ser-aí é como ente, ele nunca alcançou seu todo”. Mas se o alcançou, então essa conquista se converte pura e simplesmente em perda do ser-no-mundo. Então, nunca mais o ser-aí pode ser experimentado *como ente* (Heidegger, 2012a, p. 236).

De um modo geral, com a definição da morte como morte biológica e como morte efetiva, encontramos dois supostos modos de apreensão do fenômeno da morte: 1) experienciar a nossa própria morte – que, como vimos implica que a passagem ao já-não-ser- a ’ípriva precisamente o ser-aí da possibilidade de experimentar essa passagem e de entendê-la como experimentada” (Heidegger, 2012a, p. 237); ou mesmo 2) experienciar a morte dos outros: Tanto mais impositiva é no entanto a morte dos outros. Um findar do ser-aí torna-se, por conseguinte, objetivamente” acessível. O ser-aí, tanto mais que ele é por essência um ser-com com outros, pode obter uma experiência da morte” (Heidegger, 2012a, p. 237). Ora, se a primeira opção foi descartada, ainda na definição de morte enquanto *deixar de viver efetivamente*, podemos perguntar: é possível apreender o ser-todo do ser-aí *alheio* ao experienciar a morte alheia?

Sobre isso, Heidegger diz:

O ser-aí dos outros, com sua totalidade alcançada na morte, também constitui um não mais ser-aí, no sentido de não-mais-ser-no-mundo. Morrer não significa sair do mundo, perder o ser-no-mundo? Levando-se ao extremo, o não-mais-ser-no-mundo do morto ainda é também um ser, na acepção do ser simplesmente dado de uma coisa corpórea. Na morte dos outros, pode-se fazer a experiência do curioso fenômeno ontológico que se pode determinar como a alteração sofrida por um ente ao passar do modo de ser do ser-aí (da vida) para o modo de não mais ser-aí. O *fim* de um ente, enquanto ser-aí, é o seu princípio como mero ser simplesmente dado. Interpretar o movimento de passagem do ser-aí para o ser simplesmente dado perde a base fenomenal na medida em que o ente remanescente não é uma mera coisa corpórea (Heidegger, 2012b, p. 238).

Para compreender se há alguma possibilidade de compreensão do ser-todo dos outros, temos de voltar nossos olhos ao modo como nos comportamos frente ao outro”. Analisando a morte no sentido de *efetivação*, passamos a acompanhar e fazer o esforço que Heidegger também faz perante a dificuldade de lidar com o fenômeno da morte. Inicialmente, perguntamos: realmente o outro passa a ser” um mero simplesmente dado na alteração” entre vivo e *não vivo*? Há uma dificuldade peculiar em lidar com o fenômeno da morte dos *outros*; a morte é um *fenômeno-limite* que escapa à possibilidade de mera descrição, nem mesmo com o aparato conceitual conquistado

até o presente ponto de investigação. Relativamente ao outro, enquanto ente findado, Heidegger diz: O ser ainda simplesmente dado é “mais” do que uma coisa material, destituída de vida. Nele encontra-se algo *não vivo*, que perdeu a vida” (Heidegger, 2012b, p. 238). Esse ente, ao morrer, parece tornar-se simplesmente dado, quando, na verdade, é “mais” que isso. De qualquer modo, porém, essa descrição não é suficiente para a apreensão do fenômeno.

O ser-aí que morre – chamado de “finado” pelo filósofo (Heidegger, 2012b, p. 238) – é objeto de “ocupação” daqueles que permaneceram (Heidegger, 2012a, p. 238). Ritos fúnebres acontecem, “ocupações” com túmulos e pertences do “finado” ocorrem. Essa “ocupação”⁸, porém, termo técnico de Heidegger concernente a todo modo de lidar com entes que não têm o modo de ser do ser-aí, não serve para o fenômeno e ente tematizados. O “finado” – ente destituído de vida – não é um mero ser simplesmente dado ou à mão, que pode ser objeto de ocupação. Essa terminologia não lhe cabe: trata-se, para com ele, de uma *preocupação*⁹ reverencial ao “finado” (Heidegger, 2012b, p. 238). Entretanto, esse ente *não vivo* não pode ser descrito e nem nosso comportamento de ser e estar com ele em termos de ser-com e preocupação. Diz Heidegger: Nesse ser-com o morto, o finado *ele mesmo* não está mais de fato “por aí”. Ser-com indica, porém, sempre conviver no mesmo mundo. O finado deixou nosso “mundo” e o deixou para trás. É a partir do mundo que os que ficam ainda podem *ser e estar com ele*” (Heidegger, 2012b, p. 238). Ser-com é uma “via de mão dupla”, requer ao menos dois entes com o modo de ser do ser-aí. Quando isso não ocorre, nosso comportamento não pode ser assim caracterizado:

Quanto mais adequada seja a apreensão fenomênica do “já-não-ser- aí” do finado, tanto mais claramente se mostra que esse ser-com com o morto *não* experimenta precisamente o ser-chegado-ao-final próprio do finado. A morte se desvenda sem dúvida como perda, porém mais como uma perda que os sobreviventes experimentam, e no padecer pela perda, não se tem acesso, porém à perda-do-ser que como tal o que morre “padece”. Não experimentamos em sentido genuíno o morrer dos outros, mas no máximo só estamos sempre “presentes a” ele (Heidegger, 2012a, p. 238-239).

⁸ Modo de ser do ser-junto-a. Ser-aí ocupa-se com entes que não tem o mesmo modo de ser que é seu, as coisas, pode ser lido como “em-virtude-de-algo”, um algo simplesmente dado.

⁹ Modo de ser que diz respeito ao mundo compartilhado com outros ser-aí. A preocupação é a via de mão dupla entre dois ou mais ser-aí.

Essa experiência e comportamento de ser e estar com o finado é chamada de perda. A experiência de perda, de estar e ser com o finado, em ritos fúnebres, túmulos, lida com pertences etc., não entrega a experienciação da morte como fim que o finado alcançou. O finado ter chegado ao final e nós experienciarmos a perda não nos entrega a totalidade do nosso ser; não podemos experimentar a morte do outro como se fosse nossa. Somos, no máximo, junto ao finado, e isso não torna acessível a nós a sua morte e não temos a morte compartilhada: A questão que se coloca é sobre o sentido ontológico da morte de quem morre enquanto uma possibilidade ontológica de *seu* ser, e não sobre o modo da copresença e do ainda-ser-aí do finado junto aos que ficam” (Heidegger, 2012b, p. 239). Assim como o ser desse ente que eu sou é sempre meu (Heidegger, 2012b, p. 42), a minha morte é sempre minha e somente minha. Não podemos experimentar a morte do outro, porque cada um de nós tem o ser do seu ente como somente seu e sua morte como somente sua. Não alcançaremos o ser-todo desse modo.

No mundo” de ocupação, a substituição dos entes intramundanos é recorrente e comum, e, porque nos entendemos a partir dos entes com que de início nos ocupamos (Heidegger, 2012a, p. 239), supomos ser possível substituir a sua experiência da morte, isto é, pressupomos possível experimentar a totalidade de ser do ser-aí a partir da morte do outro. Esse entendimento e raciocínio de substituição é compreensível devido à constituição do ser-aí, mas é ilegítimo e impossível, porque o morrer não é acabamento, no sentido do fim de um simplesmente dado, mas a experiência do fim como possibilidade pertinente a cada um: *sua*.

Heidegger diz:

Cada ser-aí deve, ele mesmo e a cada vez, assumir a sua própria morte. Na medida em que “é”, a morte é, essencialmente e a cada vez, minha. E de fato, significa uma possibilidade ontológica singular, pois coloca totalmente em jogo o ser próprio de cada ser-aí. No morrer, evidencia-se que, ontologicamente, a morte se constitui pela existência e por ser, cada vez, minha. O morrer não é, de forma alguma, um dado, mas um fenômeno a ser compreendido existencialmente num sentido privilegiado, o qual deve ser delimitado mais de perto (Heidegger, 2012b, p. 240).

Frente a essa citação, os primeiros parágrafos de *Ser e Tempo* vêm à mente, quando Heidegger começa a definir o ser-aí em termos de: ter de ser seu próprio ser, seu ser sempre estar em jogo, o ser desse ente que sou é sempre meu, ente de possibilidades e sempre suas próprias possibilidades (Heidegger, 2012b, p. 42). Isso ocorre devido ao círculo hermenêutico, quando nos remetemos a uma parte do ser-aí, sempre nos referimos ao todo, elas são conectadas porque são *um* todo estrutural, um fenômeno só. O fenômeno da morte deve ser compreendido nesses termos

na analítica existencial, o conceito *existencial*¹⁰ de morte precisa ser cunhado para tornar possível a apreensão do ser-todo do ser-aí.

3 A morte como possibilidade: ser-para-a-morte

Questionando a interpretação vulgar da morte do nosso cotidiano, conclui-se: a compreensão vulgar de morte, a morte tomada como efetividade, não representa o que se pretende mostrar como próprio, na analítica existencial. Para essa empreitada, tal fenômeno-limite deve ser compreendido de outra forma. Então, a interrogação que determina o problema apresenta-se com mais força, e, ainda, mais necessidade de esclarecimento: qual o sentido próprio da morte, na analítica existencial? Uma pista para o seguimento desta investigação é esta: o ser-aí é um ente de possibilidades, um ente caracterizado por ser projetivamente, em meio a possibilidades, sem definição ou determinação de essência; portanto, não pode ser compreendido em termos de efetividade. Logo, a morte, sendo a morte *desse* ente, não pode ser entendida e interpretada a partir da mera efetividade; o fenômeno deve ser entendido em termos de possibilidade, uma possibilidade sempre minha, somente minha, a morte possível, a morte como possibilidade. Assim, de maneira compatível com seu modo de ser, em conformidade com o *poder-ser*, a morte como fenômeno tem de ser compreendida como possibilidade e deve ser levada assim a toda e a cada vez:

É manifesto que o ser para a morte em questão não pode ter o caráter de um estar-empenhado na ocupação de a realizar efetivamente. Por um lado, a morte como possível não é um utilizável ou subsistente possível, mas uma possibilidade-de-ser do ser-aí. Por outro, ocupar-se da efetiva realização desse possível deveria significar a efetuação do deixar-de-viver, subtraindo-se então ao ser-aí o solo precisamente de um existente ser para a morte (Heidegger, 2012a, p. 261).

Heidegger adverte para a compreensão da morte como possibilidade, rejeitando-lhe o significado de efetivação e fatalidade. Tendemos a interpretar a morte como deixar de viver. Nesse mero deixar de viver, que é um deixar de subsistir da vida orgânica, não transparece a existência como ser-para-a-morte. Um conceito existencial de morte – esboçado nesse sentido, ser-para-a-morte – precisa ser delineado e delimitado como *pura possibilidade* que é, toda e a cada

¹⁰ Importante ter em mente a importância do conceito existencial. Ser-aí é descrito em termos dos existenciais que discorrem sobre o modo de ser do ser-aí, existente. Ao dizer que o conceito existencial de morte precisa ser cunhado de modo que respeite o ente investigado, enquanto possibilidade, devemos pensar na definição ontológica da morte e se desprender da interpretação mediana da morte enquanto morrer biológico. O conceito existencial é sobre o existir desse ente de compreensão e não sobre o conceito geral de coisas, de seres simplesmente dados, contáveis e constatáveis a partir em conceitos cristalizados assim como seu modo de ser, *que*, de coisidade.

vez: O ser-aí, do mesmo modo que, *sendo, já é* constantemente seu ainda-não, *já é* sempre seu final. A morte é um modo de ser que o ser-aí assume logo que é” (Heidegger, 2012a, p. 245). Como entes livres para a morte, essa possibilidade é determinante do primeiro minuto de nossa existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do sentido vulgar da morte, uma porta é fechada, mas uma janela é aberta, no sentido existencial-ontológico – e um caminho de pesquisa aparentemente frutífero surge: a morte como possibilidade, o ser-para-a-morte. Mas, como vimos, o caminho é tortuoso: lidar com tal fenômeno e agora com um existencial, dessa forma, não é fácil. Não se trata de um fenômeno entre outros, um fenômeno qualquer. Cabe agora, como conclusão, delinear as dificuldades do tema, quais sejam: as definições de possibilidade e efetividade, a tratativa e conjugação com o arcabouço teórico de *Ser e Tempo*, a análise da morte efetiva” e sua rejeição na analítica existencial, a cunhagem de um conceito existencial de morte no ser-para-a-morte – sendo esta, então, propriamente a fundamental possibilidade de ser-aí.

Para apreender o ser-todo do ser-aí, precisamos nos desvencilhar da compreensão mediana de morte, que a concebe como efetivação, escapar da ideia de que na experiência da morte dos outros podemos substituir nossa morte, assim apreendendo o ser-todo. Podemos fazer essa apreensão: o ser-todo não é uma impossibilidade, por causa da morte, nem é possibilitado no mundo compartilhado, ou seja, seu todo, sua pendência e sua morte são sempre seus e somente seus enquanto ser-aí; assim como o ainda-não constantemente é sempre sua pendência, ser-aí também é sempre seu final, *como pendente*.

Assim, o sentido da morte, na analítica existencial, é o ser-*para-a-morte*; sempre a morte como possibilidade pertencente ao ser-aí singularizado: *sua* morte.

REFERÊNCIAS

CASANOVA, Marco Antonio. *Mundo e Historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017. (Volume 1 – Existência e mundaneidade).

HEIDEGGER, Martin. *Being and Time: A Translation of Sein und Zeit*. Tradução: Joan Stambaugh. Albany: State University of New York Press, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução: Fausto Castilho. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 7. ed. Petrópolis – RJ: Editora Universitária São Francisco e Editora Vozes, 2012b.

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia* (Hermenêutica da faticidade). Tradução: Renato Kirchner. Editora Vozes: Petrópolis - RJ, 2012c.

HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Tradução: Marco Antonio Casanova. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2012d.